

JOGOS TEATRAIS NA ESCOLA PÚBLICA: UM EXPERIMENTO COM CRIANÇAS PEQUENAS DE QUATRO A CINCO ANOS

NATHALIA SOUZA LACERDA

Graduação em Pedagogia pela Faculdade UniSantaRita (2015); Pós-graduada em Ludo pedagogia pela Faculdade Campos Eliseos (2018); Pós-graduada em Teatro e Educação pela Faculdade Campos Salles (2019); Pós-graduada em Metodologia do Ensino de Artes pela Faculdade São Luis (2020); Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I - na EMEI MARIA LÚCIA PETIT DA SILVA e Professora de Educação Infantil - no CEI Jardim Peri.



RESUMO

Este trabalho acadêmico tem como objetivo apontar possibilidades e caminhos para o trabalho com jogos teatrais na primeira infância. Para tanto, utilizarei um projeto desenvolvido por mim na Escola Municipal de Educação Infantil da Prefeitura de São Paulo – EMEI Maria Lúcia Petit da Silva, local onde trabalho como professora de educação infantil para oferecer subsídios teóricos e práticos para professores que queiram trabalhar com jogos teatrais, mas, que não sabem por onde começar. Este estudo busca comprovar que o trabalho com jogos auxilia o aluno a trabalhar em equipe, a expressar suas emoções e sentimentos, a explorar expressões faciais e corporais e ainda a estimular a imaginação e criatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Teatrais; Teatro e Educação; Primeira Infância; Educação infantil.

INTRODUÇÃO

O teatro como ferramenta na educação brasileira surge com a chegada dos Jesuítas em que o Padre José de Anchieta através da linguagem teatral buscava difundir os preceitos religiosos de seu interesse para os índios.

O teatro após a fase jesuítica volta a ganhar força com o movimento escolanovista, que colocou o ensino de arte como um componente necessário à educação e instituiu que as escolas trabalhassem com atividades físicas, manuais e lúdicas. Em 1971 foi publicada a lei 5692/71 que exigia um professor de artes (Artes Plásticas, Educação Musical e Artes Cênicas) nas escolas.

Nessa fase progressista da educação acreditava-se no desenvolvimento da criança conforme suas possibilidades e o professor era um guia, desse modo, o educador não devia ensinar teatro, mas, possibilitar o exercício da imaginação e criatividade da criança, oferecendo um ambiente de experimento. Os professores passam a valorizar o processo educativo e não o resultado dele.

A partir dos anos 80, constituiu-se o movimento Arte-Educação que buscava a valorização e inovação do ensino de arte. Esse movimento, muito influenciou a construção e regulamentação da nova LDB (Lei n. 9.394/96) e o documento Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, MEC, 1997).

O referido movimento tem em Ana Mae Barbosa uma de suas principais representantes. Foi ela quem desenvolveu a Proposta Triangular, que sugere que o ensino da arte seja desenvolvido em três grandes eixos: o fazer artístico, a contextualização histórica e a apreciação estética (BARBOSA, 1991). Ideais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte.

No Brasil, o sistema de jogos teatrais ganha força na década de 70, devido a diversas pesquisas acadêmicas em torno de suas potencialidades e ao oferecimento de um sem número de cursos de formação inicial e continuada a professores e coordenadores de oficinas teatrais. Essa ampla adesão se explica, entre outros motivos, pela sua estrutura envolta no jogo tradicional de regras, que faz parte de todas as culturas em todos os tempos históricos, essa proposta permite o acesso ao jogo teatral a pessoas de diversas origens, desde o aluno mais humilde ao aluno que vive num ambiente de classe média alta.

POR QUE JOGOS TEATRAIS?

Os jogos teatrais, sempre me encantaram desde quando os estudei em cursos livres, bem como os embasei para as minhas monografias dos cursos de licenciatura em Pedagogia e Pós-graduação em Ludo pedagogia dado o seu caráter livre e recreativo que primeiramente conecta o adulto ao seu ser criança antes mesmo dos conceitos teatrais propriamente ditos. Desde então, as pesquisas que fiz apontam o uso dos jogos para crianças a partir de 6 anos em diante, não havendo indicações de aplicação dos jogos teatrais para a primeira infância. Diante desse dado, inquietei-me e enquanto educadora de crianças de 4 e 5 anos, acreditei que poderia utilizar os jogos teatrais para favorecer o aprendizado dos educandos ainda que tão pequenos.

Os estudos de Piaget apontam a fase de dois a sete anos como o estágio pré-operatório nesta fase, as crianças vivenciam o egocentrismo e vivem o mundo baseadas apenas em si mesmas. No livro O jogo dramático de cinco a nove anos, os autores Rosario Navarro e Alfredo Mantovani concebe que o teatro trabalhado com crianças é algo que evolui conforme a idade dos pequenos e deve ser pensando conforme a característica de cada idade ou grupo etário. Sobre tal afirmação, compreende-se que é necessário adequar aos alunos os jogos, compreendendo sua fase de desenvolvimento e maturidade, de modo que o professor consiga alcançar os objetivos propostos com qualquer idade em que for trabalhar. Esse planejamento conforme a faixa etária é imprescindível para que o professor ofereça aulas interessantes e significativas, pois, desse modo, atinge exatamente aquilo que o aluno precisa e tem interesse em aprender.

Mantovani e Navarro estabeleceram etapas evolutivas para cada idade. Nesta pesquisa vamos nos ater a idade em que foi feito o experimento que foi nomeado por ambos como "Etapa Pré-*via*" e refere-se a crianças de três a cinco anos, como afirma Rosário Navarro e Alfredo Mantovani

(2016, p. 22):

"Nesta etapa, a ação é individual e espontânea, para posteriormente dar passagem a jogos compartilhados à medida que a criança vai perdendo seu egocentrismo. Localizados na etapa de três a cinco anos, qualquer fato, elemento ou motivação é ponto de partida para um jogo de caráter simbólico e para se introduzir a imitação de papéis sociais que interagem no seu entorno".

Este conceito apoiou e direcionou o meu planejamento com o Projeto que apliquei, pois, iniciei o trabalho pedagógico com jogos individuais e aos poucos fui introduzindo jogos que envolviam a cooperação à medida que os alunos iam amadurecendo e perdendo a visão egocêntrica de mundo. Tal qual, afirma Ingrid Koudela (2017, p.38):

"Na atividade de grupo, o jogo deve ser orientado e governado por um objetivo coletivo, que auxilie a criança a superar a fase egocêntrica e o subjetivismo individualista. O ensino do teatro pode ser visto como uma fusão deliberada entre o jogo simbólico e o jogo de regras."

O jogo teatral é intencional e dirigido a observadores ou a uma plateia. Esta concepção do jogo surge com a proposta metodológica para o ensino de teatro de Viola Spolin (1999) que acredita que o jogo teatral na educação trata do crescimento pessoal e entendimento cultural dos educandos através da interação com a linguagem teatral. Este sistema tem se revelado eficaz para o ensino de crianças e adultos, e por essa razão seu nome é tão fundamental na área educacional desde a pré-escola até o ensino superior quando se fala de teatro e educação.

Os benefícios dos jogos teatrais perpassam todos os conceitos importantes para a primeira infância, fase destinada prioritariamente ao brincar e a interação social. Nesta fase da vida, a criança está conhecendo o mundo a seu modo particular, já possui em sua maioria das vezes a fala bem estruturada e utiliza o brincar como meio de expressar seus sentimentos e pensamentos. Os jogos teatrais favorecem a expressão facial e corporal, auxiliam no desenvolvimento da imaginação, trabalham com as interações sociais, pois, são feitos em grupos, permitem expressar emoções e sentimentos, possibilitando momentos de brincar com uma intencionalidade pedagógica que une a brincadeira ou jogo as interações, condizentes com a proposta de ensino da educação infantil.

O projeto aplicado que fiz, buscou distanciar as crianças da crença de que teatro são pessoas interpretando peças, logo que me posicionei sobre o projeto as professoras da escola, já perguntavam se eu iria fazer uma apresentação com as crianças. De imediato, respondi que não e comentei com elas que o teatro em sala de aula não precisa estar vinculado somente a apresentações e que eu não acreditava que esta seria a melhor forma de trabalhar com a linguagem visto que as crianças são muito pequenas e o estudo de uma peça poderia se tornar cansativo e enfadonho. E esse não era o meu objetivo. Peter Slade (1978, p.35), autor pioneiro no estudo do teatro para crianças reitera tal afirmação:

"Todas as crianças são artistas criativos. Não pense, só porque elas copiam algumas coisas da vida real, que isto testemunha contra aquela afirmativa; usam a experiência da vida para enriquecimento, experimentação e prova. Mas pense bem antes de ofender lhes coisas positivas, tais como o nosso teatro, para as copiarem cedo demais na sua vida."

Coletadas todas as informações acadêmicas a respeito do tema, iniciei a escrita do Projeto Abram as Cortinas: Os jogos teatrais chegaram!

A IDEIA COLOCADA EM PRÁTICA: PROJETO ABRAM AS CORTINAS, OS JOGOS TEATRAIS CHEGARAM

A escola em que fiz o experimento a Emei Maria Lúcia Petit da Silva, está situada na Rua Solar, nº 303, Jardim Peri, São Paulo, bairro com altos índices de criminalidade, pobreza e tráfico de drogas. A escola atende crianças de quatro a cinco anos do município de São Paulo. As salas de aula possuem 35 alunos cada para cada educador. A partir deste breve panorama sobre o espaço escolar, iniciei a pesquisa na sala em que ministro aulas para crianças da faixa etária mencionada. O Projeto Especial de Ação de 2019 da escola intitulado: "O Corpo e suas formas de expressão", buscava projetos em que fosse trabalhada a corporeidade dos alunos, já que estes muitas vezes agitam-se nas cadeiras, pela necessidade visível de colocar o corpo em movimento para compreender suas possibilidades.

A Educação Infantil é um espaço elevado para que a criança viva profundamente a sua corporeidade, experimentando a liberdade de expressão dos movimentos. Foucault (2013) em seus estudos retrata como eram o poder disciplinar e controlador sobre o corpo nas escolas dos séculos XVIII e XIX, os que percebemos que ainda impera nos dias atuais, em que as crianças seguem rotinas rígidas e são conduzidas à realização de atividades que visam prepará-las para a sistematização da futura jornada escolar. A essa obediência passiva, Foucault denomina "corpos dóceis", aqueles que recebem com naturalidade o que é transmitido, sujeitando-se a uma educação fragmentária (MOREIRA, 1995). Corpos dóceis não eram o que eu gostaria de reproduzir, sobretudo vista a desigualdade social daquela região, a minha vontade é de ver crianças com corpos empoderados, questionadores e críticos, buscando sempre uma educação libertária.

Todo o trabalho foi norteado pelo Currículo da Cidade da Educação Infantil, publicado pela secretaria municipal de educação do município de São Paulo (SME/DOT, 2019). O documento traz a importância de oportunizar as crianças o conhecimento das múltiplas linguagens, sendo a linguagem teatral uma delas, em que a criança pode ter suas ideias expressadas:

"O papel da(o) professor/a é possibilitar o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade e apresentar as diferentes linguagens: desenho, pintura, teatro, fotografia, vídeo, música, dança, escultura, colagem, etc. Apresentar a fotografia e as possibilidades de fotografar, o movimento e os modos diferentes de dançar, a modelagem e os materiais diferentes para modelar, a construção com materiais diversos, a fala com a poesia e o canto, os modos de desenhar e pintar."

AS RELAÇÕES DO CORPO NO ESPAÇO E AS POTENCIALIDADES DOS ESPAÇOS NO TRABALHO CORPORAL

O conceito aplicado com os alunos no projeto foi o de permitir experimentações com esse corpo, entender como ele funciona e até onde ele pode ir, possibilidades de novas utilizações do corpo com o espaço, a apropriação de diferentes corpos através de personagens e dramatizações. O conhecimento também do corpo do outro. Busquei trabalhar ainda a compreensão dos alunos a respeito de como é o seu corpo nos diferentes espaços, e em diferentes planos baixo, médio e alto. Abaixo algumas fotos de momentos de massagem, em que foi possível aos alunos conhecer o

corpo do outro, entender o toque, permitir o contato do outro com o meu corpo, pois, muitos tinham dificuldade em tocar outro corpo que não o seu, e aos poucos isso foi dando espaço à liberdade do toque desde que com cuidado e respeito ao colega.



EMEI Maria Lúcia Petit da Silva Prof^a – Massagem com pecinhas de lego (2019)

As atividades com jogos teatrais duravam em torno 45 minutos e aconteciam dois dias da semana durante dois meses, para realizarmos as atividades, precisávamos de espaço e o espaço físico da sala de aula possui muitas carteiras e cadeiras que ocupavam espaço e não permitia um local agradável para o bom uso do corpo para as atividades. Diante da problemática, todos os dias em que trabalhávamos o projeto os alunos me ajudavam a afastar as mesas e cadeiras para as extremidades da sala e com isto, ganhávamos espaço ao centro para as atividades. Essa ambientação do espaço permitia que os alunos já soubessem o que iríamos trabalhar, e o fato de ajudarem a formalizar o espaço de jogos teatrais, já inseria os alunos na proposta que viria. Muitos eram os comentários entusiasmados e ansiosos: “Agora é aula de teatro”, “Agora é hora de brincar de teatro”.

Segundo Children (2014), os ambientes apontam para os alunos ideias e probabilidades de novos acontecimentos o que favorece as relações das crianças neste espaço, pois são espécies de paisagens de possibilidades e de sugestões. Sendo assim, os espaços da escola favorecem as relações das crianças entre si e com os materiais.

Reitero o pensamento de Children, pois, as transições dos tempos e espaços nos momentos da rotina escolar na educação infantil são facilitadas pela preparação do espaço, a qual situa a criança do que será feito trazendo-a para o momento presente e não apenas na ansiedade do novo. Essa característica de arrumar sempre a sala para as propostas teatrais trazia mesmo a sensação de mudança e de preparação para aprender nas crianças. Mesmo em momentos em que elas estavam mais agitadas, elas colaboravam para criar essa atmosfera do jogo teatral.

OS JOGOS TEATRAIS: COMO TUDO COMEÇOU?

No primeiro dia de colocar o projeto em ação, iniciei com uma roda de conversa com os

alunos sobre o que era teatro, se já haviam ido alguma vez, e para minha surpresa nenhum dos meus alunos haviam ido até um teatro, apenas falavam de idas ao circo e de peças apresentadas na escola pelas professoras. Expliquei pra eles como era a atmosfera do teatro, mostrei fotos que os encantaram, falei sobre os três sinais, conhecemos as máscaras do teatro as quais reproduziram com massinha de modelar. Foi perceptível o encantamento das crianças com o universo mágico das artes cênicas.

Esse foi o pontapé inicial da proposta. Os jogos teatrais que utilizei foram coletados de vivências minhas em cursos de teatro e de leituras de livros da Viola Spolin (1999 e 2001), Ingrid Koudela (1984), Rosário Navarro e Alfredo Mantovani (2016) e Olga Reverbel (1989). Neste artigo irei destacar aqueles que foram mais significativos para os alunos.

Na primeira semana de jogos comecei com jogos individuais realizados com o grupo todo. Iniciei com uma caminhada no espaço livre, ao ouvir o nome de um animal dito pelo educador, os alunos deveriam imitá-lo com movimentos e sons. Muitos pediam pra imitar determinados animais por ser mais desafiador como a girafa, que os percebi sem saber como representar e aos poucos foram criando movimentos e sons. O que foi muito interessante observar que alguns alunos se esticavam como tentativa de fazer o tamanho da girafa numa proposta de imitação que fazia sentido para o imaginário deles. Esse jogo é muito semelhante à brincadeira seu mestre mandou, algo muito característico dos jogos teatrais é que eles se originam das brincadeiras tradicionais de infância.

Num outro dia, eu apliquei o jogo que criei em que intitulei como "interpretação por imagens", em que foi apresentada algumas imagens de ações e as espalhei em espaços da sala, os alunos deviam ao meu sinal, que nesse dia foi um soar de apito, se dirigir a uma imagem e imitar aquilo que estavam vendo. E o resultado foi brilhante, eles repetiam as imagens e buscavam acrescentar suas sensações frente aquilo que viam. Esta atividade pode ser também utilizada para outras propostas como para ensinar passos de danças, golpes de capoeira, até mesmo a metamorfose da borboleta pode ser colocada em imagens para que os alunos as representem com o corpo. Essas são algumas ideias que esta proposta simples me trouxe.

Dando continuidade ao projeto, pedi que os alunos se deitassem no chão, fechassem os olhos e fossem aos poucos movimentando suas articulações e percebendo o seu corpo no espaço. Quando já estavam sentados, fizeram à massagem em duplas com lego, passando levemente o brinquedo no corpo dos colegas. Todos participaram da massagem sem se opor, entretanto, percebia desconforto por parte de algumas crianças ao serem tocadas, algo que foi aos poucos cessando e se naturalizando na turma. Essa foi uma ótima didática para minimizar situações agressivas entre as crianças que ocorriam em sala, pois, ao receber a massagem os alunos ficavam mais calmos e se sentiam acolhidos uns pelos outros.

Neste sentido de jogos que trabalhem a expressão corporal vou destacar os mais significativos desenvolvidos:

JOGO DO BALÃO

Os alunos, agachados, deveriam encher o corpo que agora havia se transformado em balão, ir enchendo, enchendo, até que depois de muito cheio, os balões deveriam voar, neste voo surge um vento forte em que puxa o balão para uma árvore onde fica preso e vai murchando até cair no chão.

JOGO DO BALÃO (VARIAÇÃO)

Os alunos imaginam balões caindo do teto, e ir tocando o objeto com as partes do corpo mencionadas pela professora. As crianças de fato imaginam esse balão caindo e para cada uma via uma proporção de tamanho e de impacto diferentes, eles comentavam durante todo o exercício sobre as cores de seus balões imaginários, o tamanho e as suas possibilidades que eram muitas. Um aluno disse que o balão dele ia até a lua e voltava pra sua perna porque ele era mágico. Nesse simples jogo percebe-se o quanto à criança pode brincar apenas utilizando o seu corpo como “brinquedo” e sua “imaginação” como potência.

HIPNOTISMO COLOMBIANO

Um aluno põe a mão a poucos centímetros do rosto de outro; este como hipnotizado deverá manter o rosto sempre a mesma distância a mão do hipnotizador. O líder inicia diversos movimentos com as mãos, retos, circulares, para cima, para baixo, fazendo com que o companheiro execute com o corpo todas as estruturas musculares possíveis. As mãos do hipnotizador não podem nunca fazer movimentos rápidos, pois, desse modo o hipnotizado não consegue acompanhar a movimentação. Com os alunos coloquei uma música ambiente e eles se entregaram muito nesse exercício, a princípio foi difícil controlar a ansiedade deles em fazer rápido, porque eles tinham muitas ideias e queriam que os colegas executassem. Eles mesmos foram percebendo que o jogo perdia o objetivo naquela velocidade e aos poucos foram se tranquilizando e curtindo a proposta. É interesse oportunizar a troca de duplas, pois, muitos alunos tinham maior entrosamento com determinadas crianças na brincadeira o que tornava o jogo mais desafiador.



EMEI Maria Lúcia Petit da Silva Prof^a – Jogo Hipnotismo Colombiano (2019)

JOGO DO OLHAR

Dois jogadores um de frente para o outro, olho no olho, devem estipular qual será o líder, o líder apenas com o olhar conduz o outro jogador e andar pelo espaço de costas, mais rápido, mais lento, abaixando e se levantando, lembrando de nunca desgrudar os olhos do parceiro. Após a primeira experimentação inverte-se o líder. Neste jogo foi perceptível que as crianças tais quais os adultos possuem dificuldade em manter os olhos nos olhos de outra criança. Muitos desviavam o olhar o que incomodava os que estavam liderando desse modo tive que retomar a regra.

JOGO DA BOLA

Em círculo o professor molda sua bola e mostra a sua bola imaginária para a turma, após essa introdução inicia-se o jogo que nada mais é que atirar a bola para os colegas, podendo sempre que quiser modificar o seu tamanho, peso, características.

Dos jogos que envolvem as expressões faciais e o uso da voz, seguem abaixo.

JOGO DA POSE

Neste jogo um aluno propunha uma pose com expressões e os outros deviam imitar. Nesse jogo percebi os sentimentos que as crianças queriam expor, pois, muitos fizeram expressões tristes ou enfurecidas. Quando conversamos sobre o exercício um aluno falou: "Hoje o coleguinha me bateu por isso eu estou bravo", nesse momento notei que estávamos começando a lidar com os sentimentos e os alunos estavam tendo a oportunidade de perceber, representar e dialogar sobre, mostrando pra mim enquanto educadora que o teatro pode ser um potente mediador de conflitos na primeira infância.

FANTOCHES

Em círculo, os alunos devem colocar o fantoche, improvisar falas com ele e passar para o próximo. É importante que o professor ofereça diferentes fantoches, bruxas, fadas, príncipes, princesas, lobo, pessoas comuns de diferentes raças, de modo a ter uma análise global de como a criança interpreta esses personagens no seu universo. Este jogo parece simples, mas, foi um dos mais significativos para a turma. Nessa sala eu tinha alunos que falavam pouco devido à timidez e foi surpreendente vê-los falar quando colocavam o fantoche, percebemos ainda, as crianças que possuem um repertório maior de palavras as quais ficavam interpretando com os bonecos por mais tempo. Foi possível notar ainda o que cada criança pensa sobre os personagens, pois, a bruxa para alguns era má, para outros nem tanto. A relação da criança com diversos fantoches pode mostrar para o professor a vida da criança e a forma como ela se relaciona com o mundo e com ela mesma,

pois, vivenciando esse outro personagem, a criança se sente à vontade para expor seus sentimentos de forma segura. Muitos alunos ainda, ao representar a mãe impuseram gritos e ofensas que claramente faziam parte do seu cotidiano. Sobre tais resultados no jogo reitera o currículo da cidade (SÃO PAULO, 2015, p. 14):

"A expressão do bebê e da criança, portanto, é essencial à sua constituição como pessoa. Quando se expressa, seja fazendo um gesto, seja brincando, seja desenhando, seja construindo alguma coisa, fotografando ou gravando uma situação, a criança afirma para si o seu aprendizado e a sua relação com as coisas do mundo que vai conhecendo. É assim também que ela nos comunica sobre o que percebe do mundo ao redor, sua própria história, seus sentimentos. Por essa razão, o Currículo Integrador da Infância Paulistana afirma que a escuta pela(o) professor/a é "fonte importante de conhecimento, transformação e qualificação da ação educativa".



EMEI Maria Lúcia Petit da Silva Prof^a – Manipulação de Fantoques (2019)

JOGO O QUE TEM DENTRO DA CAIXA?

O professor pega uma caixa fechada e em círculo cada aluno deve falar o que acredita ter dentro dela. Este jogo apesar de simples, proporcionou aos alunos o exercício da imaginação, pois, todos tinham que além de se expressar verbalmente, imaginar o que poderia haver lá dentro. Muitas foram às falas das crianças sobre o que tinha dentro da caixa como um unicórnio, uma princesa, uma boneca, um extraterrestre, entre várias outras suposições. Os alunos em nenhum momento ficaram presos ao tamanho da caixa para usar a imaginação. Eles realmente deixaram fluir as ideias e compreenderam que a ideia era libertar a fantasia.

Estes foram alguns dos jogos trabalhados no projeto, os quais foram os mais significativos para os alunos sendo um material para professores de educação infantil iniciar o trabalho com jogos teatrais.

REVERBERAÇÕES ALCANÇADAS COM O EXPERIMENTO

Grata foi a minha surpresa quando durante e ao fim do trabalho, os alunos pediam aos pais que os levassem ao teatro e houve respostas positivas quanto a isso, pois, em reunião, os pais me

perguntavam sobre onde buscar teatro para as crianças e mencionei os espaços próximos à região que oferecem peças gratuitas como a Fábrica de Cultura da Cachoeirinha e o Centro Cultural da Juventude. Desse modo, percebi que apesar da impossibilidade de promovermos um passeio neste ano na escola até o teatro, o projeto estava adentrando os lares das crianças na formação de pessoas apreciadoras não só de teatro, mas, de cultura, e que isso poderia ampliar a visão das pessoas daquela região humilde que se vê longe do teatro devida o seu caráter ainda elitizado na cidade de São Paulo, tanto devido à localização dos teatros que não atingem as regiões marginalizadas como relativo ao hábito do brasileiro de consumir cultura, sobretudo as pessoas periféricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constato que a utilização dos jogos teatrais em sala de aula pode ser proposta pedagógica para crianças de todas as idades, basta que o professor os torne acessíveis para cada faixa etária, levando em conta as necessidades psicológicas, cognitivas e sociais de cada etapa. A utilização dos jogos teatrais na educação infantil é possível e necessária, visto que é proposta curricular do Currículo da Cidade que rege o local em que foi realizado o experimento, para tanto, como examinado só é preciso à vontade do professor e o desejo de aprender dos alunos. Com o experimento foi possível notar o amadurecimento dos alunos nas relações sociais, minimizando conflitos através do diálogo e da expressão dos sentimentos. Pude constatar um melhor entendimento do corpo por parte dos alunos, melhorando aspectos como lateralidade, equilíbrio e coordenação, minimizando quedas e entendendo o corpo como espaço que deve ser respeitado tanto o de si próprio como o do outro.

O projeto desenvolvido alcançou ainda os objetivos propostos na Base Curricular Nacional Comum como: Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música; Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações; Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música. Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.

Por fim, nota-se o quão importante é a presença dos jogos teatrais nas escolas, pois, eles adentram todos os espaços e contemplam todas as idades trazendo apenas benefícios ao aprendiz.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio. Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017),

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento na prisão**. Editora Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2001

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

MANTOVANI, Alfredo. NAVARRO, Rosário Solano. **O jogo dramático de 5 a 9 anos**. Perdizes, SP: Editora Cortez, 2016. Tradução: Rosana Malerba.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. **Educação Física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e para a pesquisa**. In: DE MARCO, Ademir (org.). Educação Física: Cultura e Sociedade. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

REGGIO, Children. Projeto Zero. **Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo**. Trad. Thaís Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2014.

REVERBEL, Olga. **Jogos Teatrais na Escola: Atividades Globais de Expressão**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. São Paulo: SME/DOT, 2019.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo, SP: Editora Summus Editorial, 1978.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais no livro do diretor**. Apresentação: Ingrid Dormien Koudela. Tradução: Eduardo Amos e Ingrid D. Koudela. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1999.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2001